

## CIDADE: LUGAR DE MEMÓRIA E AMNÉSIA

TATIANA CARRILHO PASTORINI TORRES<sup>1</sup>  
ORIENTADORA MÁRCIA JANETE ESPIG<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [tatypastorini@yahoo.com.br](mailto:tatypastorini@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [marcia.espig@terra.com.br](mailto:marcia.espig@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa que se encontra em desenvolvimento no Doutorado, a qual se ocupa da análise das relações entre memória e história no entretencimento da cidade de Pedro Osório, RS, outrora denominada Olimpo. Essa etapa inicial da pesquisa se ocupa das discussões teóricas que envolvem a construção dos conceitos a partir de autores que discutem os conceitos de cidade, memória, história, imaginário, representação, identidade e pertencimento. Também aborda as vivências e representações construídas a partir das sinapses dos habitantes da cidade, que por sua vez, é espaço de problematização entre memória e história. Cenário que perpetua o conflito entre *Cronos* (tempo), *Mnemosyne* (memória) e *Clio* (história). A tríade que luta entre si pelo direito de memória, esquecimento e verdade, atravessada pelas temporalidades que envolvem a cidade.

Os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas. De acordo com RICOEUR (2018, p. 159), “uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais”. Sua constituição é feita por escritas da memória sobre o espaço, cujos lugares são preservados ou destruídos de forma seletiva conforme o contexto vigente (POSSAMAI, 2010). Diante da passagem inexorável do tempo, pessoas e “suas coisas” (cultura material) deixam de existir e o que resta é informações fragmentadas nas mais diversas fontes ao longo do tempo, entre elas a memória. Cabe à história denunciar e investigar o que foi apresentado ou ignorado pela memória. Esse debate é feito por MOTTA (2012, p. 25-26) que também ressalta “o perigo de o historiador incauto apenas restaurar memórias” e legitimá-las como história.

No que se refere ao Olimpo, objeto do presente estudo, seus traçados são moldados pelas vivências, rupturas e continuidades na terra do “pira-tininga”<sup>1</sup>, ao qual é atribuído valor afetivo de vida, morte e respeito. Lugar onde as ruínas de pedra são “testemunhas silenciosas” das recorrentes cheias do rio e o apito do trem movimentam as memórias carregadas ou geracionadas por lembranças e esquecimentos de outra época. Essa etapa tem por finalidade analisar as percepções individuais do espaço habitado, a construção de memórias, representações, imaginário e suas relações com a história local, ainda pouco explorada. Entre algumas pesquisas pontuais, relatos escritos como “Rebelião das águas” (VACARIA, 1960), “Guerra silenciosa” (MAGALHÃES, 1992) e a

---

<sup>1</sup> Do guarani *pira*: peixe, *tinga*: seca ou secando. Essa expressão era “usada pelos índios para indicar determinados rios que, após as cheias deixavam fora nas areias e barrancas muitos peixes que ficavam secando ao sol” (CALDAS, 1990, p.18).

produção memorialista “Raízes da nossa história” (BENTO, 2005), o livro “Pedro Osório, sim senhor!” (CALDAS, 1990) é a obra de maior referência sobre a cidade.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta etapa da pesquisa consiste em realizar entrevistas com moradores de Pedro Osório, a fim de registrar suas vivências e sinapses<sup>2</sup> no cotidiano da cidade. Essas narrativas representam grande relevância, uma vez que “contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória” (DELGADO, 2009, p.22). Sendo assim, a proposta inicial abrangeria diferentes faixas etárias e segmentos sociais, cujas entrevistas seriam registradas em vídeo.

No entanto, diante do atual contexto de pandemia que vivenciamos desde o começo do estudo, diversas adaptações foram necessárias. O primeiro contato foi realizado por meio de uma coleta de dados a partir de um questionário estruturado na ferramenta do Google Forms. O aplicativo possibilitou “praticidade no processo de coleta das informações” (MOTA, 2019, p. 373), mas apresentou algumas limitações, tais como faixa etária e dificuldade de acesso por determinadas pessoas. No entanto, os resultados obtidos até o momento foram satisfatórios e, quando a condição sanitária permitir, serão complementados com as entrevistas presenciais.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra na fase inicial de coleta de dados e análise das fontes orais. As questões elaboradas no Google Forms procuraram explorar as sinapses relacionadas ao pertencimento, no qual a memória propicia o “fortalecimento da noção de continuidade que permite a sensação de estar ligado” (MELLO, 2016, p. 236) e as percepções individuais sobre a cidade. Uma das questões versava sobre como o (a) entrevistado (a) costumava se referir à cidade, pois é comum falar ou marcar nas redes sociais o antigo nome Olimpo. Boa parte das respostas evidenciou maior identificação com o nome anterior e a justificativa se dava por questões afetivas, tal como a de Marcelo (46 anos), ao mencionar que “o nome Olimpo remete ao passado e evoca a época dos trens e da estação ferroviária”; ou ainda, pela ausência de identificação local com a figura do Coronel Pedro Osório, tal como evidenciam os dois depoimentos abaixo:

“Particularmente, acho mais legal dizer que moro em ‘Olimpo’, um ‘Paraíso’, espaço de deuses versus dizer que moro em Pedro Osório - enaltecendo uma pessoa a qual não me identifico” (Augusto, 26 anos).

“Olimpo porque representa a mitologia, os sonhos, lendas... carrega um tom poético, imaginário e místico. Muito mais que Pedro Osório, um mortal (diferente dos deuses do Olimpo), um homem que, aliás, nunca morou nesta cidade” (Auta, 50 anos).

---

<sup>2</sup> Segundo IZQUIERDO (2007), sinapses são conexões entre as células nervosas, estimuladas pela repetição ou comprometimento emocional com a finalidade de construir as memórias. Seu uso e desuso resultam nas lembranças e esquecimentos.

Um dos pontos mais marcantes nas vivências locais foram as memórias relacionadas ao Rio Piratini como “símbolo de força devastadora e também de renovação/construção” (Chaiane, 39 anos); “um rio maravilhoso e às vezes ‘rebelde’ que traz um aspecto singular ao município” (Ronie, 53 anos). Demonstram como as “memórias” e “histórias” dos flagelos são parte da roda de chimarrão e os “olheiros de enchente” se tornaram os guardiões da noite<sup>3</sup>. Por outro lado, muitos participantes mencionaram a representatividade do trem como progresso da cidade ou o desejo de preservação dos vestígios materiais ligados à expansão ferroviária. Mesmo aqueles que não vivenciaram o auge ferroviário, demonstraram uma perspectiva geracional da memória. Tal como o relato a seguir:

“Compartilho de uma memória coletiva familiar um tanto saudosista quanto a um passado (eu nunca soube exatamente quando) onde havia trens de passageiros e a ferrovia ainda prosperava. Muitas vezes ouvi minha família contar histórias dos trens, da Estação Ferroviária, da Cooperativa, de como a cidade era ponto turístico e havia mais hotéis e até um cinema em Pedro Osório. Por isso, cresci com a percepção de que a “era dourada” da cidade já havia passado” (Lucas, 22 anos).

As relações de pertencimento também aparecem nas percepções gerais sobre a cidade pelo olhar do (a) entrevistado (a). Expressões como “minha terra”, “meu chão”, “meu torrão” foram recorrentes nas respostas. Falam sobre ser uma cidade acolhedora e repleta de “conexões com o passado e presente [...] cheia de história e de pessoas que sabem contar história, que conseguem te inserir dentro de um contexto sem você ter vivenciado aquilo” (Amália, 21 anos); “cidade hospitaleira e de um povo forte, aguerrido que soube refazer a sua história” (Elyane, 65 anos). No entanto, apesar dos olhares carregados de afeto e saudosismo, as respostas também trouxeram uma visão crítica e apontaram outras questões e conflitos que serão analisados ao longo da pesquisa. Esse é o caso do relato de Emanuel (24 anos) ao dizer que a cidade apresenta uma “melancolia particular” e “uma riqueza cultural muito grande. Conservadora e não reconhece o racismo estrutural que existe”. Posteriormente, os relatos serão analisados em conjunto com outras fontes que darão aporte para delinear os traçados do Olimpo.

#### 4. CONCLUSÕES

Localidades afetadas por sucessivas enchentes costumam perder seus referenciais e precisam não apenas se reconstruir, mas também buscar sua identificação, valorização e pertencimento. Novos traçados são definidos entre lembranças e esquecimentos moldados pelas memórias que muitas vezes são legitimadas como história. Olimpo, homônima da morada dos deuses gregos, é mais um desses lugares, muitas vezes, perdidos no jogo entre a memória e a história. Onde, os diferentes discursos que narram a cidade são influenciados pelas relações estabelecidas com o tempo, moldadas pelas suas variações com os lugares e as épocas. Sendo assim, as narrativas mnemônicas são de considerável pertinência na identificação do fio invisível que define o traçado da cidade.

---

<sup>3</sup> Pessoas da comunidade que se ocupam em observar o crescimento das águas durante as chuvas torrenciais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Genes Leão. *Raízes de Nossa História*. Pelotas: Stillus, 2005.

CALDAS, Pedro. **Pedro Osório, sim senhor!:** retrato de um município gaúcho. Pelotas: Satya, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em 28 jul. 2021.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimentos*. 3. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2007.

MAGALHÃES, Manuel Luiz. *Guerra silenciosa: crônica da enchente*. Pedro Osório [s. n.], 1992.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.8, n.19, p. 236-256, set/dez 2016.

MOTA, Janice da Silva. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades&Inovação**. Palmas, v.6, n.12,p. 371-380, ago 2019.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio e Janeiro: Elsevier: 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. Cidade: escritas da memória, leituras da história. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. 7. Campinas: Unicamp, 2018.

VACARIA, Frei Cristóvão de. *Rebelião das águas em Pedro Osório(ex-Olimpo e Cerrito)*. Porto Alegre: Tipografia Champagnat, 1960.